

Homilia Epifania do Senhor – 03 de Janeiro 2016

Queridos irmãos e irmãs, hoje a Igreja celebra a Solenidade da Epifania do Senhor. O termo Epifania é de origem grega que significa Manifestação, que para os cristãos é a manifestação extraordinária de Deus, pela qual se revela em fatos da história da Salvação, o Cristo encarnado entre os homens.

Na 1ª leitura, o Profeta Isaías faz uma bela descrição da Jerusalém, cidade estabelecida por Deus como o centro religioso e econômico para todos os povos. Uma cidade onde as pessoas se encontrariam e desenvolveriam um projeto de paz, de segurança e bem-estar que seria uma superação das sementes da violência e da destruição, que não mais cresceriam nas ruas da cidade. Vemos assim que essa descrição nova de Jerusalém, vai contra aquela que o próprio Isaías no capítulo 1, 21-23 descreve da cidade, como infiel a Deus, porque havia deixado de lado a prática do direito e da justiça, deixado de agir solidariamente em favor dos mais fracos. A cidade que se caracteriza pelo brilho da glória de Deus é aquela em que reina a prática da justiça. O profeta Isaías chama a nossa atenção para algo de extrema importância e que na maioria das vezes esquecemos. A cidade de Jerusalém era infiel, mesmo tendo um templo e mesmo que fosse o famoso templo de Salomão. Isaías é ousado ao mostrar que a infidelidade a Deus está ligada à prática da injustiça, à falta de solidariedade e ao esquecimento do direito e dos pobres, justamente por parte daqueles que frequentavam o templo. Eram pessoas que achavam possível amar a Deus sem praticar a justiça!

Porém, no texto de hoje Isaías canta a glória da Jerusalém renovada, figura da Jerusalém nova descida do céu (Apoc. 21, 2.23-24), que na releitura cristã é a Igreja. Essa nova Jerusalém é apresentada como a luz que se opõe as trevas, precisamente porque nela brilha a glória do Senhor, isto é, nela habita o Senhor. A presença do Senhor, como luz, é unificadora de todos os povos, para onde seriam atraídos filhos e filhas de

Sião e de todos os povos. È a ideia da universalidade que domina as profecias e que tem sua realização no Novo Testamento em Jesus Cristo. No texto hebraico desta leitura, em lugar de “reveste-se de luz”, diz-se “se luz”, é toda pessoa que é transformada em fonte de luz. No NT o cristão é luz, porque caminha à luz de Cristo.

No Evangelho escutamos o belo relato de Mateus da visita dos Magos do Oriente ao Menino recém-nascido. A adoração dos Magos foi objeto de mais belas reflexões ao longo da história: já nos fins do séc. II, Tertuliano via nas ofertas dos Magos, símbolos do reconhecimento de quem era Jesus; ofereceram-lhe Ouro, como Rei; Incenso, como Deus; e Mirra (resina aromática, usada na sepultura) como Homem. Santo Ambrósio fixa-se em que os Magos vão por um caminho e voltam por outro, porque regressam melhores, depois do encontro com Cristo. Santo Agostinho vê nos Magos as “*primitiæ gentium*” (*primícias dos gentios*), a par dos pastores que são as primícias dos judeus.

Os Magos representam os homens do mundo inteiro, que se põem a caminho de Jerusalém com suas riquezas para encontrar a Luz Salvadora de Deus, que brilha sobre a cidade. (1ª Leit.) – Estrela não é um astro no céu, mas Jesus, a Luz que ilumina todos os homens. E quais as atitudes dos Magos diante dos fatos; “Vimos a sua estrela no Oriente, e viemos adorá-lo...” São homens dos sinais, que sabem ver numa estrela o sinal da chegada da Libertação. Deixam tudo. Não desistem perante o cansaço da longa viagem. Não desanimam quando a estrela desaparece, nem com a indiferença dos habitantes de Jerusalém, perseveram até o fim e acabam encontrando o que procuram. Não vão de mãos vazias, oferecem o que tem de melhor. Representam os homens de todo o mundo que vão ao encontro de Cristo e se prostram diante dele. É a imagem da Igreja, essa família de irmãos, constituída por gente de muitas cores e raças, que aderem a Jesus e o reconhecem como o Senhor. Diferente dos doutores da lei que indicam o caminho, mas não vão a

Belém. Diferente de Herodes, que tinha o poder em suas mãos, mas se sente amedrontado por uma criança indefesa.

No início de sua homilia de 06 de janeiro de 2008, o Papa Emérito Bento XVI pronunciou: «A chegada dos Magos do Oriente a Belém, para adorar o Messias, é o sinal de manifestação do Rei universal a todos os homens que procuram a verdade.» Celebramos Cristo, Luz do mundo, e a sua manifestação às nações. “No dia de Natal a mensagem da liturgia ressoava assim: “Hodie descendit lux magna super terram” Hoje uma grande luz desce sobre a terra» (Missal Romano). Em Belém, esta «grande luz» apareceu a um pequeno grupo de pessoas, um minúsculo «resto de Israel»: a Virgem Maria, o seu esposo José e alguns pastores. Uma luz humilde, como faz parte do estilo do Deus verdadeiro; uma chama pequena acendida na noite: um frágil recém-nascido, que geme no silêncio do mundo... Mas aquele nascimento escondido e desconhecido era acompanhado pelo hino de louvor pelas multidões celestes, que cantavam glória e paz (cf. *Lc 2, 13-14*).

Assim aquela luz, mesmo se modesta ao aparecer sobre a terra, projetava-se com poder no céu: o nascimento do Rei dos Judeus tinha sido anunciado com o surgir de uma estrela, visível de muito longe. Foi este o testemunho de «alguns Magos», que do oriente foram a Jerusalém pouco depois do nascimento de Jesus, no tempo do rei Herodes (cf. *Mt 2, 1-2*).

No final da homilia diz o Papa: A chegada dos Magos do Oriente a Belém, para adorar o recém-nascido Messias, é o sinal de manifestação do Rei universal aos povos e a todos os homens que procuram a verdade. É o início de um movimento oposto ao de Babel: da confusão à compreensão, da dispersão à reconciliação. Percebemos assim um vínculo entre a Epifania e o Pentecostes: se o Natal de Cristo, que é a Cabeça, é também o Natal da Igreja, seu corpo, nós vemos nos Magos os povos que se agregam ao resto de Israel, prenunciando o grande sinal da «Igreja poliglota», realizado pelo Espírito Santo cinquenta dias depois da Páscoa.

Diante de toda essa revelação que refletimos que Paulo ao escrever aos Efésios (2ª leitura) define em que consiste o “Mistério de Cristo”. Os gentios, que vêm a Igreja, estão no mesmo pé de igualdade que os judeus procedentes do antigo povo de Deus. Não há lugar para cristãos de primeira e de segunda, não só os judeus são chamados à herança de Cristo, mas também os gentios que vêm a serem “co-herdeiros” (recebem a mesma herança dos judeus), “com-corpóreos” (isto é, pertencem ao mesmo Corpo Místico de Cristo, que é a Igreja una), e co-participantes na Promessa (beneficiam da mesma promessa de salvação). E é este o mistério que também se celebra na Festa da Epifania: Cristo igualmente Salvador de todos.

Para finalizar, os Magos ao chegarem encontraram Maria em casa com seu Filho. Ressaltamos a presença da Mãe, que em todos os momentos acompanha seu Filho. Está com Ele, pois Ele está conosco. O próprio Deus salienta esse princípio ao dar o nome a seu Filho: Emanuel, ou seja, “Deus Conosco”. Para amar como Deus nos amou e continuar amando, precisamos nos encontrar e gastar o tempo juntos, nos preocupar uns com os outros. Maria também é “Emanuel” para seu Filho, pois está presente junto a Ele, e da mesma forma deveríamos ser “Emanuel”, a presença de Deus para nossos irmãos, irmãs, filhos e filhas, em nossa comunidade. Não deixar que a correria do dia a dia nos faça perder as oportunidades de estarmos juntos, e crescermos juntos no seguimento do Cristo Luz do mundo. E que esta Luz que brilhou para todas as nações, nos ilumine no caminho que nos levará a Jerusalém Celeste. AMÉM